

## Violações aos direitos humanos sublimadas pela mídia

As agências internacionais de notícias frequentemente sublimam as violações aos direitos humanos. Transformam o muro do apartheid construído por Israel em uma “cerca”; descrevem as colônias ilegais como fruto de uma “expansão urbana natural”; os territórios ocupados como “territórios em disputa”; o exército de ocupação de Israel como “forças de defesa” e as expulsões sistemáticas dos moradores locais como “transferências” populacionais.

Dessa forma, transformam em sombra a população palestina, como parte de um mecanismo que remonta ao menos ao século XIX. Nesse processo, os habitantes nativos eram vistos como personagens bíblicas ou parte da paisagem; não possuíam vivência real e eram apenas resquícios de uma era perdida que necessariamente demandaria uma intervenção estrangeira “civilizatória”. Nada mais distante da realidade, uma vez que, no século XIX, Jerusalém, Nablus, Acre, Al Khalil (ou Hebron), Safad e Gaza formavam algumas das maiores cidades, com as quais os palestinos se identificavam fortemente.

Sabe-se também que muitas pessoas nem têm conhecimento de que a presença de Israel na Cisjordânia é considerada uma ocupação, de acordo com as Nações Unidas. Isso não causa surpresa porque a maioria dos jornais e dos livros de história, geografia, literatura ou sociologia não menciona que se trata de uma violação do direito internacional em que o lugar de um povo é permanentemente descaracterizado.

Embora as violações descritas acima sejam sublimadas, com frequência, a mídia difunde uma imagem que associa os países islâmicos ao fanatismo, a intolerância e ao obscurantismo.